

## GIRA EM EXPANSÃO (APRESENTAÇÃO/EDITORIAL)

wanderson flor do nascimento<sup>1</sup>

O movimento circular, presente como signo fundamental das práticas tradicionais de matrizes africanas – interpretadas largamente na academia e nos terreiros como afro-religiosas – tem como característica básica a expansão. O meio pelo qual os chamados *Nguzo*, *Axé* ou *Duse* (abreviadamente, *se*) – respectivamente, para os candomblés de línguas bantas, iorubá ou ewé-fon – circulam, se potencializam é pela expansão. Expandir-se é a ação básica dessas forças primordiais que estruturam ou organizam o mundo.

Dando seguimento ao primeiro número da Revista Calundu, que foi nomeado de “*Gira Epistemológica*”, este número foi nomeado de “*Gira em Expansão*”, que aponta para este movimento que a Gira faz, ao girar... A Gira só se mantém girando e se expandindo, o que mostra que o movimento constante se mantém nessa proposta da revista, fiel a seus princípios herdados de inspirações afro-ameríndias.

A Revista Calundu propõe um gesto circular, na medida em que busca na experiência vivenciada nos terreiros ou nas leituras advindas dessas experiências, produzindo reflexões não *sobre*, mas *desde* as experiências chamadas de *afro-religiosas*, que informam à academia sobre as práticas desde as quais se pensa e retornando aos territórios tradicionais uma tarefa de expansão, sem perder o respeito pelo que se pactua nas tradições sobre o *que* e *como* dizer para quem não vivencia a tradição. Assim, a Revista compromete-se em não fazer das práticas tradicionais de matrizes africanas/afro-ameríndias meros *objetos* de investigação. Antes, rompe com a dicotomia sujeito-objeto típica dos fazeres ocidentais afirmados mesmo quando se quer fazer com que a tradição ocupe o lugar de *sujeito* do conhecimento. Uma gira não se posiciona de modo dicotômico: não há um fora da gira, senão que de modo temporal, mas nunca posicional.

---

<sup>1</sup> Tata ría Nkisi Nkosi Nambá. Professor de Filosofia da Universidade de Brasília.

Deste modo, o movimento de *rever*, típico de uma *revista*, é aqui afirmado de modo que se mantenha viva a circularidade expansiva que vai do *mundo* ao *pensamento* e do pensamento ao mundo, de maneira que um alimenta ao outro, seguindo uma regra básica dos pensamentos tradicionais africanos e indígenas que não separam o mundo do pensamento, produzindo sempre um conhecimento que é engajado com o modo de ser do mundo, fiel a um mundo que se dá a conhecer em função de seu modo específico de ser, que tem em sua estrutura a movimentação informante.

Neste interessante e potente número, encontramos duas seções, com artigos e textos livres. A seção de artigos é iniciada pelo texto *Saberes Tradicionais de Terreiro: Epistemologias, Pedagogias e Possíveis Diálogos com a Universidade*. Neste, Beatriz Martins Moura e Carla Ramos provocam uma série de reflexões em um espaço entre a academia e os terreiros. Iniciando com uma discussão sobre o papel de intelectuais negras/os engajados com a luta antirracista e passando pelas experiências de aprendizado com a presença de uma liderança afro-religiosa ensinando na universidade, o artigo discute as dimensões epistemológicas empoderadoras do povo negro, advindas dos terreiros.

Partindo das múltiplas relações da capoeira com elementos religiosos e a vinculação dela com as memórias e identidades na história de nosso país, o artigo de Gabriel da Silva Vidal Cid, *Notas sobre a religiosidade no imaginário da capoeira*, discute as dinâmicas em torno das presenças afro-brasileiras (e da recusa destas) nos projetos de realocação da sociedade nacional, problematizando o recente movimento da “capoeira gospel”, interrogando se essas movimentações se alinham ou enfrentam a projetos de desencantamento da capoeira.

Gerlaine Martini discute no artigo *Faces da Mãe D'Água: Saberes da conservação*, desde os contornos dos processos da escassez de recursos hídricos e a necessidade de sua preservação, uma figura que pode trazer, desde os saberes tradicionais afro-religiosos e populares, uma importante contribuição para discutir esse delicado e importante problema: a Mãe D'Água. Esse tópico específico das preocupações ambientais mostra o quanto os saberes tradicionais podem ser potentes no cuidado com elementos indispensáveis para a manutenção da vida no planeta.

Os aspectos e crenças da Cabula, primeira prática afro-capixaba a ser nomeada a partir dos heterogêneos calundus coloniais, são resgatados no texto *Seu Cangira, deixa a Gira girar: A Cabula capixaba e seus vestígios em Minas Gerais*, de Guilherme

Dantas Nogueira e Nilo Sérgio Nogueira. O artigo revisa a bibliografia especializada e traz inéditas contribuições para a discussão advindas de depoimentos de Tatetu Nepanji, sacerdote angoleiro iniciado na Cabula capixaba e residente em Minas Gerais, onde além de preservar a prática do candomblé de Angola, resguarda vestígios da prática da Cabula, no interior de seu candomblé. O artigo demonstra, ainda, a persistência dos saberes e práticas angoleiras que se preservaram apesar das adversidades históricas que lutam por seu esquecimento.

Finalizando a seção de artigos, o texto *Plano Nacional de Liberdade Religiosa: Os povos de terreiro e a construção do racismo religioso*, de Nathalia Vince Esgalha Fernandes e Ariadne Moreira Basílio, parte da contextualização da construção e interrupção do Plano Nacional de Proteção à Liberdade Religiosa e de Promoção de Políticas Públicas para as Comunidades Tradicionais de Terreiro, proposto – e não lançado – durante o governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, para acompanhar a proposição do conceito de racismo religioso e os impactos do não-lançamento do Plano para a discussão desse conceito.

A seção de textos livres, é aberta pelo trabalho de Adélia Mathias, *A doçura das crianças ou como lição de Erê é coisa séria*. Nele, a autora parte de sua própria experiência familiar – multi-religiosa e praticante de um culto doméstico de matriz africana e indígena – e reflete sobre o culto aos Erês, as crianças espirituais, que acolhe também as outras crianças do entorno da casa. A doação e a solidariedade são marcas desse culto, que por meio de uma distribuição de doces e alegria, fazem circular valores de fortalecimento recíproco por meio das interações alegres.

O texto seguinte é de Cícero Centriny, *Mina não é etnia e, sim, palavra portuguesa*. O autor discute a nomeação colonial de diversos povos como “mina”, fazendo parecer que essa nomeação identificava uma etnia e não diversos povos que passavam pelo porto de São Jorge da Mina como intermédio para a chegada no Brasil. Discute ainda a heterogênea construção de vários dos principais cultos presentes no Maranhão, elucidando o uso da expressão “vodun” para designar uma gama diversa de divindades nem sempre participantes de panteões de origem Jêje. Um complexo cenário afro-religioso é descrito em torno das experiências maranhenses.

Danielle de Cássia Afonso Ramos é a próxima autora, com *Memórias do Candomblé: Alegrias e angústias*. Este texto aborda as memórias da religiosa, desde sua infância, vivenciada em terreiro de candomblé. As inquietudes, prazeres, alegrias,

agonias e vontades de afastamento e um reencontro com os sentidos de pertencimento ao candomblé são abordados ao modo de partilha pelo relato.

O texto que encerra a seção e este número é de Luís Augusto Ferreira Saraiva. A figura do *abatazeiro*, o tocador dos abatás nos Tambores de Mina e de Crioula no Maranhão é discutida pelo autor em *Ofício de Abatazeiro: A experiência da rua e do terreiro*. O texto apresenta o abatazeiro, vulto pouco discutido nas pesquisas sobre o Tambor de Mina ou sobre o Tambor de Crioula, mostrando não apenas sua função musical, mas também suas outras funções nesses Tambores.

Este conjunto de reflexões, engajadas, comprometidas com os terreiros, desde os terreiros, atravessados pelo interesse de difundir informações que modifiquem a maneira de construir saberes que se relacionam aos terreiros e às experiências afro-brasileiras demonstram a seriedade e responsabilidade das pessoas que compõem o Calundu – Grupo de Estudos sobre Religiões Afro-Brasileiras. Que o comprometimento ético, epistemológico, político se expanda junto com as palavras trazidas nesse número! Que as palavras nos girem expansivamente como gira a Gira!

Brasília, 11 de dezembro de 2017